

SILVA CAMPOS E VIANA DO SEU TEMPO

Por MARIA LUZIA CAMPOS COSTA *



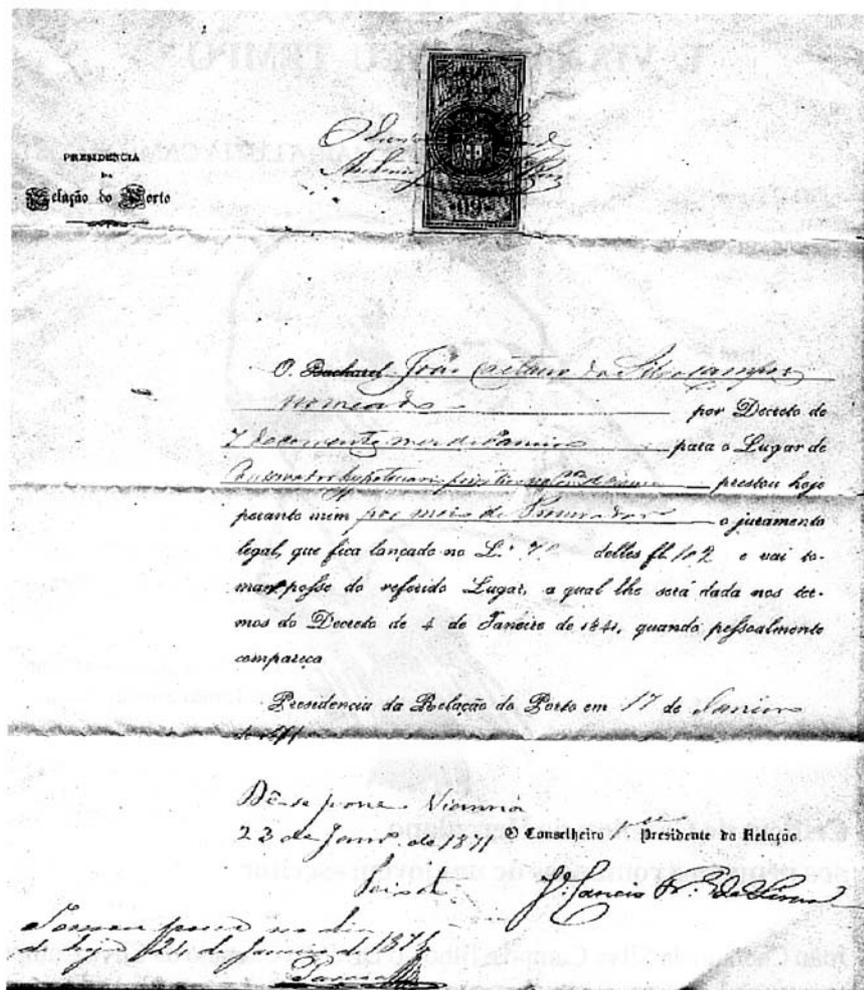
João Caetano da Silva Campos
por Tomás Simões Viana

Críticas de Camilo e de Herculano aos pequenos romances de um jovem escritor

João Caetano da Silva Campos, filho do Dr. João Caetano da Silva Campos, do conselho de Sua Majestade, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, juiz da Relação de Goa, e de D. Carlota Cândida Furtado de Mendonça d'Antas e Silva, nasceu em Viana do Castelo a 19 de Janeiro de 1851.

* Licenciada em Matemática. Neta de João Caetano da Silva Campos.

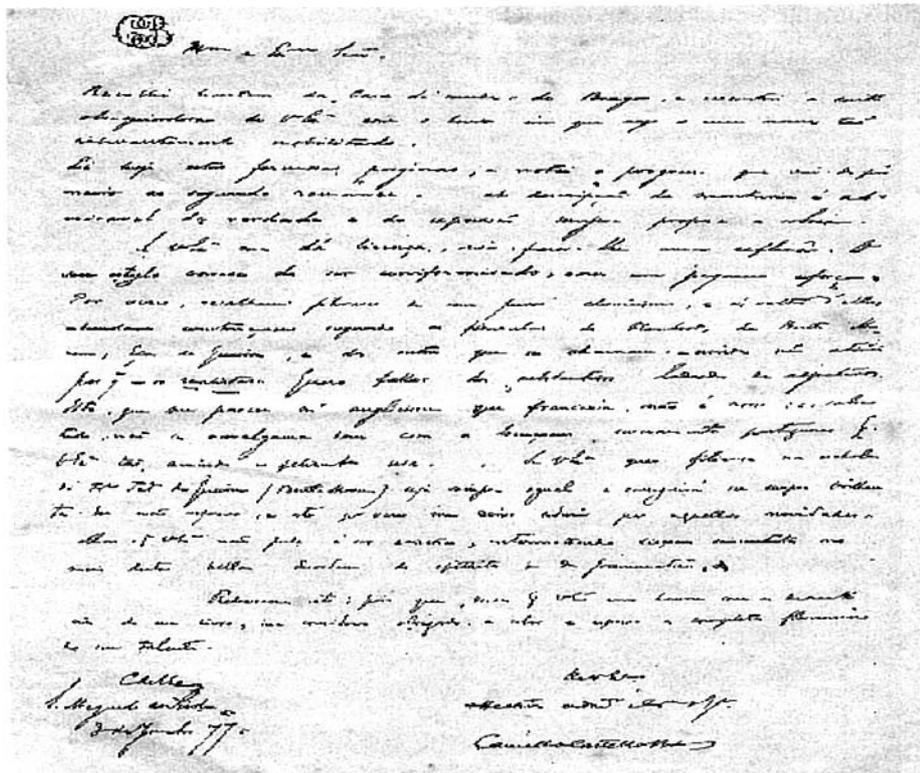
Em 1871, foi nomeado *ajudante do Conservador do Registo Predial da comarca de Viana*, como indica o documento a seguir digitalizado:



Foi nessa época, aos vinte e poucos anos, que conheceu Camilo Castelo Branco (nessa época a residir em Viana) de quem se tornou amigo e a quem dedicou dois livros, que publicou em 1877:

“Noites de Viana”, em dois volumes: I – *O segredo do lavrador* ; II – *O assassino*.

O fac-simile da carta com a crítica do 2º volume, está digitalizado a seguir:



Reprodução desta carta de Camilo:

Ill.º e Ex.º Snr.º

Recolhi hontem da "Casa de saúde" de Braga, e encontrei a carta obsequiadora de V. Ex.ª com o livro em que vejo o meu nome tão relevantemente nobilitado.

Li hoje estas formosas paginas, e notei o progresso que vai do primeiro ao segundo romance. A descripção da montaria é admirável de verdade e de expressão sempre propria e sobria.

Se V. Ex.ª me dá licença, ousou fazer-lhe uma reflexão. O seu estylo carece de ser uniformizado, com um pequeno esforço. Por vezes, resaltam

phrases de um puro classicismo, e á volta d'ellas abundam construcções segundo as formulas de Flaubert, de Bento Moreno, Eça de Queiroz e dos outros que se chamam, - ainda não atinei por q. - os realistas. Quero fallar dos substantivos ladeados de adjectivos. Isto, que me parece m.^s anglicismo que francezia, não é nosso; e, sobre tudo, não se amalgama bem com as locuções severamente portuguezas q. V. Ex.^a tão amiudo e felizm.^{te} usa. Se V. Ex.^a quer filiar-se na escola de Fr.^{co} Txr.^a de Queiroz (Bento Moreno) seja sempre igual, e conseguirá ser sempre brilhante. Eu não reprove, e até por vezes me deixo seduzir por aquellas novidades. Mas o q. V. Ex.^a não pode é ser eclectico, entremetendo dicções seiscentistas no meio desta bella desordem do epitheto e da grammatica.

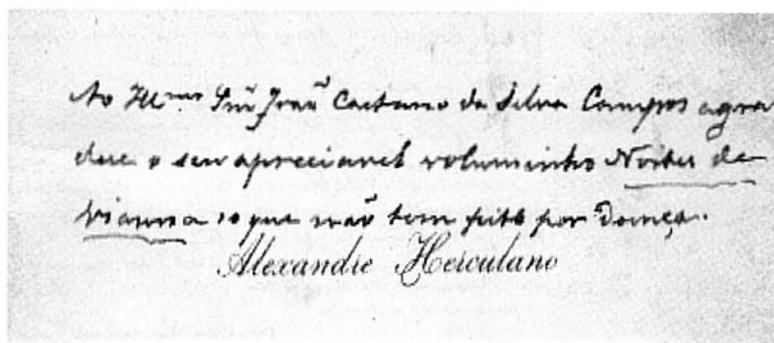
Releve-me isto; pois que desde q. V. Ex.^a me honrou com a dedicatória do seu livro, me considero obrigado a zelar e esperar a completa florescencia do seu talento.

C. de V. Ex.^a
S. Miguel de Seide
3 de Junho 77

De V. Ex.^a
affectivo adm.^{or} e cr.^o obg.^{do}
Camillo Castello Branco.

Uma carta que mostra como Camilo Castello Branco aconselhava os *novos* e o que pensava sobre a *escola realista*.

Também enviou os dois volumes de “Noites de Viana” a Alexandre Herculano que lhe respondeu apenas com o bilhete a seguir digitalizado:

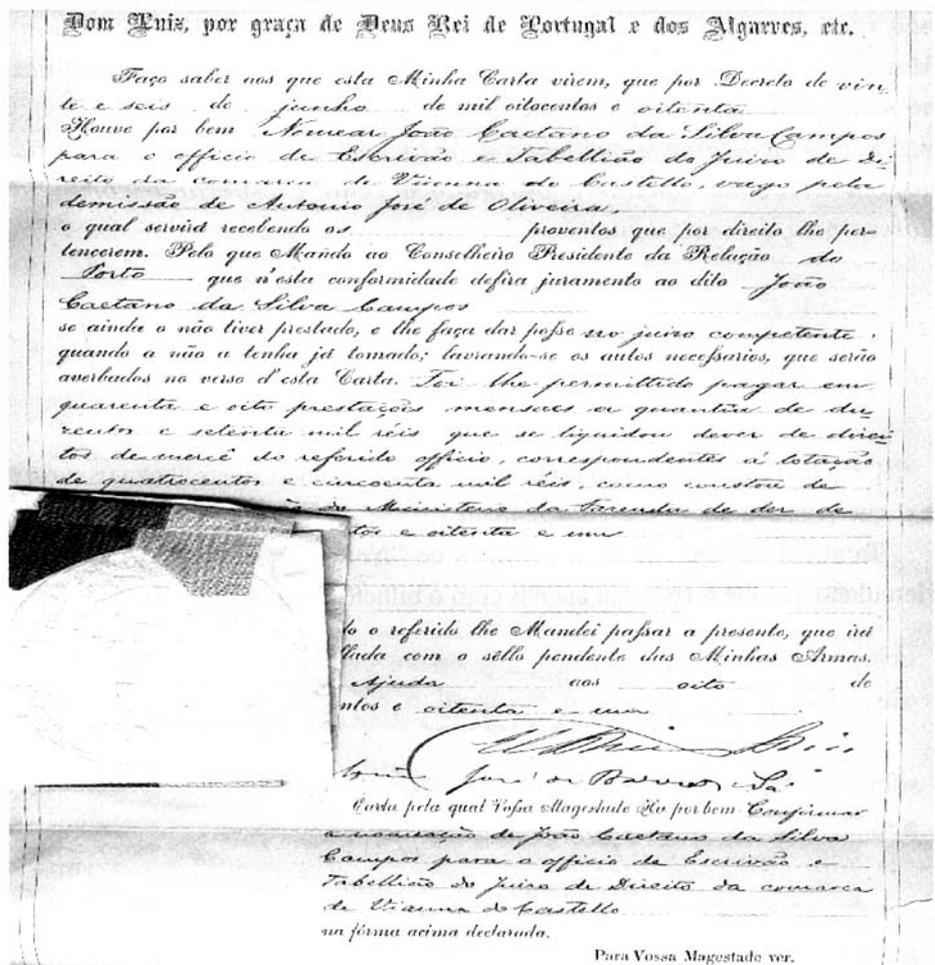


Ho. M.^o Sr. João Castello Branco da Silva Campos agradeço o seu apreciaavel voluminho Noites de Viana a 10 que não tem feito por Donna.
Alexandre Herculano

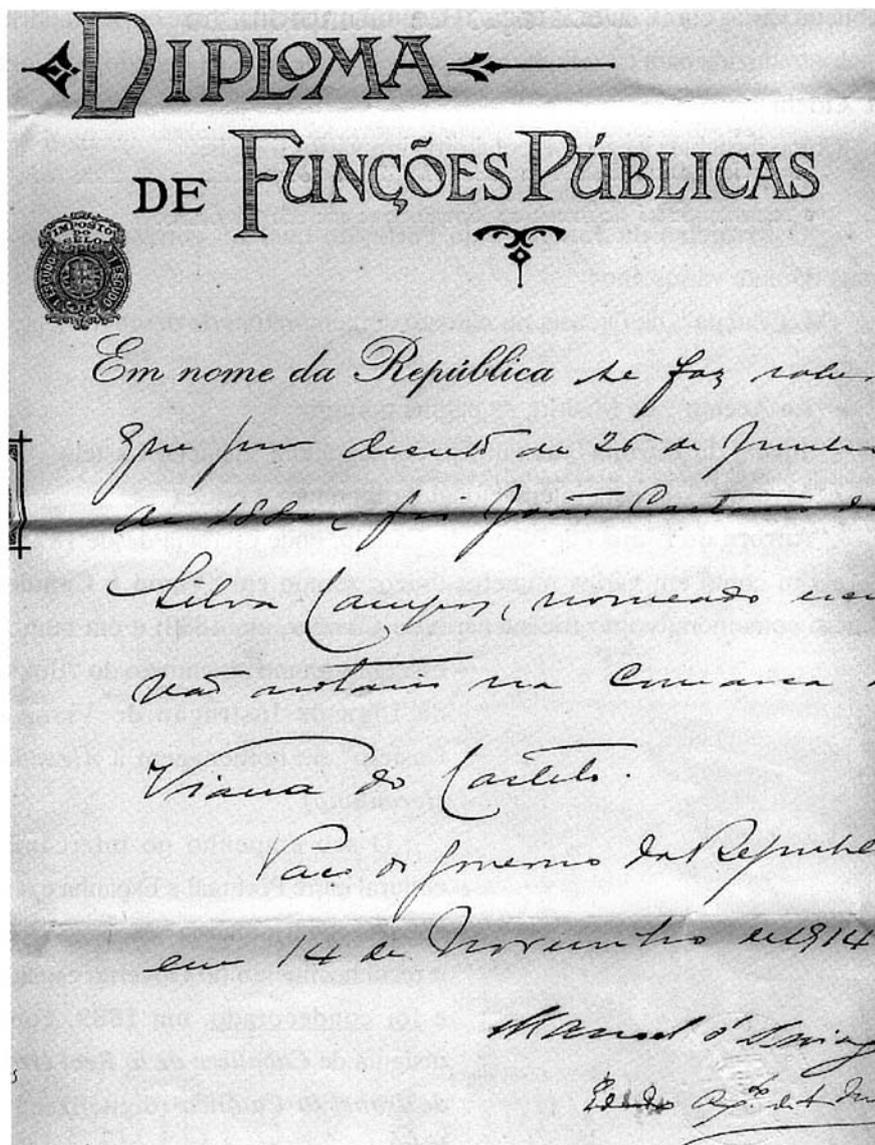
Escrivão de Direito e notário

Por despacho de 26 de Junho de 1880, Silva Campos foi nomeado **Escrivão de Direito e Notário da comarca de Viana do Castelo**, com cartório na Praça da Rainha (actual Praça da República), cargo que exerceu até se reformar pela lei do limite de idade (75 anos) em 27 de Junho de 1927. Estão digitalizados a seguir:

- o decreto da nomeação em 1880 (*carta de D. Luiz*) para o officio de Escrivão e Tabelião do Juízo de Direito da Comarca de Viana do Castelo



- o Diploma de Funções Públicas que confirma a sua nomeação como
escrivão notário na Comarca de Viana do Castelo assinado por Manuel d'
Arriaga, Presidente da República, em 14 de Novembro de 1914

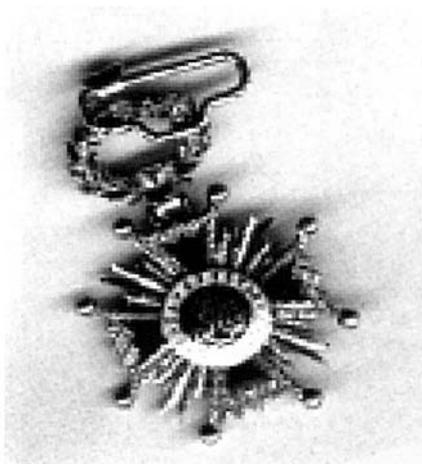


Jornalista e escritor; a condecoração de Isabel a Católica

Depois dos dois romances escritos na sua juventude, continuou a escrever: publicou várias obras, entre as quais “**Hespanha vencida**” (ode em alexandrinos que foi traduzida para castelhano pelo poeta V. Ameijera, de Oviedo) e “**Cartas da Aldeia**”.

Como jornalista e escritor, colaborou em vários jornais:

- “**Mala da Europa**”, de Lisboa
 - “**O Primeiro de Janeiro**”, do Porto, do qual foi correspondente em Viana durante vários anos
 - “**La Zarpa**”, de Orense, no número comemorativo do descobrimento da América
 - “**La Acción**”, de Madrid, na página portuguesa
 - “**Jornal da Europa**”, no número consagrado a Viana do Castelo
 - “**Myosotis**”, revista internacional de literatura e crítica
 - “**Aurora do Lima**”, de Viana do Castelo, onde escrevia desde 1873
- assim como em vários números-únicos (como em “**Viana a Camões**”, número comemorativo do tricentenário de *Camões*, em 1880) e em números



especiais (como no número do “Boletim da Liga de Instrução de Viana do Castelo” de homenagem a *Alexandre Herculano*)

O seu empenho no intercâmbio cultural entre Portugal e Espanha e o seu trabalho como jornalista e escritor suscitou o reconhecimento do Governo espanhol e foi condecorado, em **1889**, com a insígnia de *Caballero de la Real Orden de Isabel la Católica* (digitalizada ao lado).

O título está indicado no documento a seguir digitalizado:

Ministerio de Estado.

Madrid 24 de Enero de 1889.

Muy Señor mío: Tengo la honra de poner en conocimiento de V. que S. M. el Rey, Mai Augusto Soberano, y en su nombre S. M. la Reina Regente, se ha dignado aprobar la propuesta a favor de V. para Caballero de la Real Orden de Isabel la Católica, y a fin de poder formalizar el nombramiento y expedir el Título definitivo, remito a V. la adjunta nota, rogándole se sirva llenarla y devolverla a la Secretaria de las Ordenes, calle de Luarca número 44 en este Ministerio.

Aprovecho esta ocasión para ofrecer a V. las seguridades de mi distinguida consideración.

M. Marg. de la
Vega de Arce

A. D. João Cactano da Silva Campos.

O Distrito de Viana. O Pero Gallego; Guerra Junqueiro; António Feijó

Silva Campos fundou e dirigiu:

- o tri-semanário independente “Distrito de Viana” (dirigiu-o desde 1899 até ao fim do ano 1903)

- com o poeta Sebastião Pereira da Cunha e A. F. Rocha Páris, a revista literária “**Pero Gallego**”, da qual saíram 36 números (1882)

Na revista literária *Pero Gallego*, colaboraram grandes escritores dessa época, entre os quais *Guerra Junqueiro* que residia, então, em Viana.

No primeiro número da revista, escolhi um poema de *Silva Campos* sobre **Pero Gallego**:

PERO GALLEGO

Um heroe que sulcava o mar como um corsario,
que a guerra não temia e o tempo cruel e vario,
conquistando, gentil, os osculos da fama
e as alterosas naus dos turcos da moirama!
Diz, porom, um chronista que o moço viannêz
roubára as caravellas no mar por muita vêz!
Isto é calunnia atroz, sem laivos de justiça,
mentira como a do homem das botas de cortiça,
falsidade cruel, iniqua, revoltante,
inveja de pygmeu das forças d'um gigante!
O Pero, o illustre heros, que a tradição sustenta
ter nascido — infeliz! — na rua da Parenta,
expunha o corpo seu á leonina garra
dos porses que manejam a fêra cimitarra,
expunha tambem a vida aos fortes temporaes,
ás tristes pneumonias, ás feias catharraes,
e sem cessar corria os p'rigos bem mesquinhos
de dar o corpo seu em bifes aos peixinhos...
Tudo isto porquê? Ai, pobre Pero, infeliz!
por uns tristes punhados de poucos maravedis!

Hoje rouba-se melhor! A arte adeantada
d'altas cavallarias já não pretende nada!
O geito e não a força dos rabidos heroes,
a Bolsa, a loteria e os fundos hespanhoes.....

SILVA CAMPOS.

Um dos poemas de *Guerra Junqueiro*, também num dos primeiros números da revista:

NA VARETA D'UM LEQUE

No Eden uma vèz, era de madrugada,
Andava n'uma rosa uma vespa doirada,
Satanax, como sae da concha um caracol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Saiu alegremente, a rir, d'entre o arvoredó ;
Chegou-se ao pé de Deus e disse-lhe um segredo
Em vóz baixa ao ouvido.
Isto foi na manhã
Em que Eva devorou a celebre maçã.
E Deus disse ao Demonio :
O' brejeiro, é preciso
Dar armas á mulher para que o homem peque.
E Jehovah da rosa então fêz-lhe um sorriso
E das azas da vespa o diabo fêz-lhe um leque.

GUERRA JUNQUEIRO.

E, também num dos primeiros números da revista, um soneto de *António Feijó*:

LAÍS

No soberbo coxim de flocidos adornos,
mostrava, adormecida em sonhos inquefaveis,
a brancura marmorea, as curvas impecaveis,
na linha esculptural dos nitidos contornos.

Julgava-se embalada entre formosas dryades
n'um leito de jasmims, como visão phantastica,
expondo o seio nú d'uma firmeza elastica
em languido abandono aos labios d'Alcibiades...

Na indolencia nervosa, apóz o sonho extinto,
um fauno esculpturado em bronze de Corintho,
impassivel contempla a tenebrosa flór...

N'abobada resoa um coro d'hetairas...
e ao entrar no festim, ao scintillar das pyras,
parecia cuspir na Estatua do Pudór.

ANTONIO FEIJÓ.

Academias, comissões, direcções

Silva Campos fez parte de várias comissões e associações, tais como:

- “*Comissão de Redacção dos Estatutos da Irmandade da Misericórdia de Viana*”

- “*Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito*”, em 1918, da qual foi presidente

- “*Comissão dos Jardins de Infância de Viana*”, organizada em 1911

- “*Asilo da Infância Desvalida*” (presidente da direcção)

- *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Viana* (pertenceu aos corpos gerentes e presidiu à Associação)

- “*Comissão Executiva da celebração nacional do 5º centenário da abertura do caminho marítimo da Europa à Índia pelo navegador Frei Gonçalo Velho que chegou ao sul do Cabo Bojador*” (1916)

Pertencia às seguintes sociedades científicas:

- **Academia de Ciências de Lisboa** (ou *Academia de Ciências de Portugal*): eleito *sócio correspondente* em Junho de 1916, foi promovido a *vogal* em Maio de 1918 “pelos seus relevantes serviços prestados ao Instituto Histórico do Minho e em homenagem aos seus notáveis méritos literários”

- **Instituto Etnológico da Beira**

- **Instituto Arqueológico do Algarve**

- **Real Academia Galega**, da Corunha

- **Seminário de Estudos Galegos**, de Santiago de Compostela

- **Comissão dos Monumentos Nacionais e do Conselho de Arte e Arqueologia**, da 3ª Circunscricção do Porto: *vogal - correspondente* desde Julho de 1919

- **Unión Ibero-Americana**, pela qual foi condecorado; em 1924 continuava a receber correspondência desta Sociedade:





A Confraria de Santa Luzia

Foi juiz da Confraria de Santa Luzia e presidente da Comissão de Melhoramentos de Santa Luzia.

A antiga Capela, assim como a *estátua em bronze do Sagrado Coração de Jesus*, esculpida em Paris pelo artista minhoto Aleixo de Queiroz Ribeiro e que foi colocada no adro da capela de Santa Luzia em 1898, aparece na seguinte fotografia, onde também está Silva Campos, junto às grades.

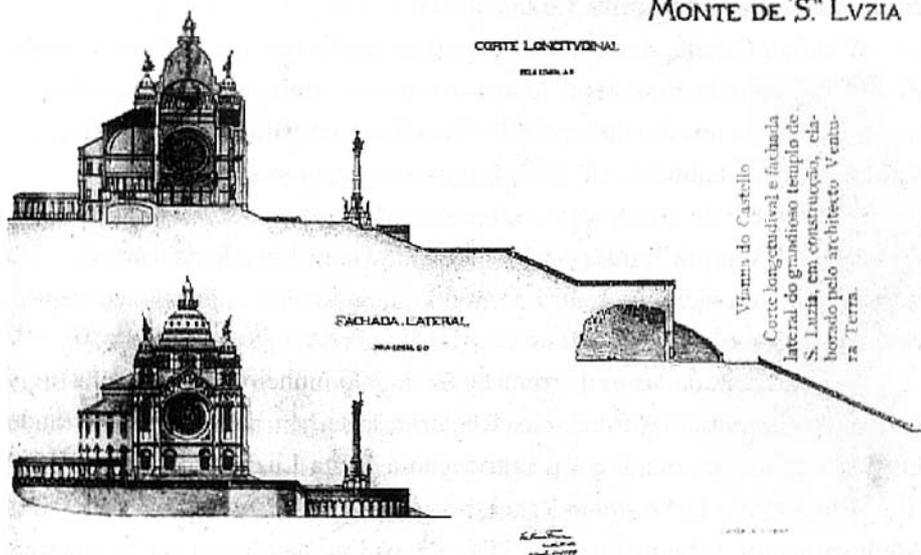
Ao projecto de construção do Templo-Monumento, aprovado, da autoria do arquitecto Ventura Terra (postal seguinte), foi acrescentado pelo próprio autor do projecto “um nicho no centro da frontaria, onde seria colocada a estátua de bronze do Coração de Jesus”.

A Confraria de Santa Luzia foi fundada por Luís de Andrade e Sousa (primeiro Juiz), António Alberto da Rocha Páris e Manuel Gonçalves de Araújo em 1882, sendo secretário o Dr. Luís Figueiredo da Guerra.

Em 1893, o Dr. António Alberto da Rocha Páris formou a Comissão de Melhoramentos de Santa Luzia. Foi Domingos José de Morais, muito dinâmico



MONTE DE S.ª LVZIA



e com uma grande fortuna, que mandou construir um hotel em Santa Luzia, mas com a sua morte, em 1903, a construção não foi terminada. Nesse mesmo ano morreu o Dr. António da Rocha Páris, tendo a Comissão de Melhoramentos mandado colocar uma lápide em sua honra na Capela de Santa Luzia.

Em 1904, sendo presidente da Comissão o Conselheiro Joaquim Cerqueira, o arquitecto Miguel Nogueira iniciou as obras do Templo.

Em Fevereiro de 1911, o presidente da Comissão ainda conseguiu, para as obras do Templo, o donativo de 1000 francos, enviado de Paris pelo conselheiro Roxoroiz Belfort, mas em Maio de 1911, morreu o filho do Conselheiro Cerqueira e, em Novembro do mesmo ano, Joaquim José Cerqueira “retirou-se para Lisboa com a sua família” ... Em Abril do mesmo ano a República promulgou a “*lei de separação da Igreja e do Estado*”. **As obras do Templo pararam até 1918.**

Os jornais *A Aurora do Lima* de 1911 publicam: em 9 de Junho, “João da Rocha Páris convoca a Confraria de Santa Luzia para a eleição da mesa”; em 10 de Novembro, “a Comissão de Santa Luzia recebeu do gerente José Castro do Palácio de Cristal do Porto, uma nova remessa de pequenas árvores para serem plantadas na montanha de Santa Luzia”. Portanto, os melhoramentos do monte de Santa Luzia e a respectiva Comissão, continuaram.

Em Outubro de 1916, morreu o Conselheiro Joaquim José Cerqueira e a Comissão de Santa Luzia foi uma das associações e comissões representadas no seu funeral.

Em Janeiro de 1918, o Dr. Sidónio Paes, Presidente da República, natural de Caminha, visitou Viana, ouviu uma delegação de vianenses que protestou contra a apropriação pelo Estado dos bens da Igreja e mostrou-se favorável à liberdade religiosa.

Nos jornais *A Aurora do Lima*: em 30 de Abril do mesmo ano, a Confraria de Santa Luzia publica “... a arrematação de 300 pinheiros da bouça ...” aviso que *Silva Campos, como juiz da Confraria*, assinava (angariação de fundos para as obras?...); “durante a peregrinação a Santa Luzia realizada em 18 de Agosto do mesmo ano, foram recolhidos donativos para as obras no Templo que foram entregues à Confraria”.

Em 1918, a *pneumónica*, uma doença extremamente contagiosa e muito grave, ocasionou a morte de milhares de pessoas em todos os países. Em Viana, “o P.^e Manuel Lopes, em 10 de Novembro de 1918, rezou com todo o povo e consagrou-o ao Sagrado Coração de Jesus, prometendo que, se a *pneumónica* cessasse, subiria todos os anos o povo de Viana a Santa Luzia a agradecer ao Coração de Jesus essa graça. Desde essa data a pneumónica não provocou mais mortes em Viana” (livro A MONTANHA DOURADA, de M. A. d’Alpuim).

Nesse ano de 1918, a Comissão de Melhoramentos de Santa Luzia, *presidida por Silva Campos* (também *juiz da Confraria*), **recomeçou com as obras do Templo.**

Bernardo Pinto Abrunhosa, a quem se deve o elevador de Santa Luzia, comprou e restaurou o Hotel de Santa Luzia (inaugurado em 1921). Considerando-o um homem de grande iniciativa, Silva Campos conseguiu convencê-lo a ser membro da Comissão de Melhoramentos e, mais tarde, também membro da Confraria.

O documento a seguir digitalizado, um extracto de uma “Certidão” de Álvaro de Campos (filho mais novo do primeiro casamento de Silva Campos), refere-se à *acta de uma sessão da Confraria de Santa Luzia e da Comissão de Melhoramentos* anexa, sessão realizada em 12 de Abril de 1923, o que o livro de Actas da Confraria pode confirmar. Estão indicados os nomes de membros da Confraria e da Comissão de Melhoramentos: *Silva Campos, presidente da Confraria*, os vogais, presentes na sessão, João Rocha Páris, Anibal Galeão e João Torres e os membros da Comissão de Melhoramentos Bernardo Pinto Abrunhosa e João Valença; também estava presente na sessão António Carvalho.

O documento seguinte é uma convocatória da Confraria com a data de 21 de Maio de 1924, assinada por *Silva Campos como presidente* e com os nomes e respectivas assinaturas dos membros da Confraria convocados: António Carvalho, João Torres, Alberto Vale, João Rocha Páris e Bernardo Pinto Abrunhosa (nesta data já membro da Confraria).



Certidão

Alvaro de Pinho e Campos, servindo de secretario da Mesa da Confraria de Santa Cruz, desta cidade e da Comissão de melhoramentos do monte:

Certifico que no livro das actas das reuniões da mesma Mesa e Comissão, se acha a folha quarenta e sete, a acta de terço seguinte: "Desão de doze de Abril de mil novecentos vinte e três. Presente os membros da Mesa da Confraria de Santa Cruz, e inhares João Castello da Silva Campos, presidente, João August Leal da Rocha Paris, Juizal Carlos Gaspar, João Aluís Vitor, vogal, Antonio Guedaluz da Silva Carvalho e os membros da Comissão de melhoramentos, Jermão do Rito Alvimhosa, João Passos Di Oliveira, Tancisco e Alvaro Campos, servindo de secretario.

Confraria de S^{ta} Luzia.

Não compareceram para uma reunião, Assembleia, 22
do corrente mês, pelas 5^{as} horas da tarde, no Colégio,
Cidade da S^{ta}. Luzia da Vila Rica, os seus membros
da mesa, abaixo mencionados, para tratar de uma
pela de grande importância.

A presença.

Dezembros.

Vila Rica, 21 de Maio de 1926

3^o Sr. Antônio J. S. Pinheiro

" Sr. João Alves Torres

" Sr. Alberto Kake.

" Sr. João G. Lacerda da Rocha Pinheiro

" Sr. Manoel Pinto Albuquerque.

Silva Campos foi, portanto, juiz da Confraria e presidente da Comissão de Melhoramentos de Santa Luzia pelo menos desde 1918 (talvez desde 1911) até 1925, ano em que "os Estatutos da Confraria foram actualizados e uma nova Direcção tomou posse, assim como uma nova Comissão Administrativa do Templo Monumento". Também colaborou no Boletim de Santa Luzia que começou a ser publicado em 1926.

O Instituto Histórico do Minho

Silva Campos foi *sócio fundador* e *presidente* do **Instituto Histórico do Minho**.

Em Junho de 1916, sobre proposta do Dr. António Cabreira, secretário perpétuo da Academia de Ciências de Portugal, esta Academia “*deliberou em-prender a fundação do Instituto Histórico do Minho anexo à Academia, ficando a sede em Viana do Castelo por existir nesta cidade uma plêiade de eruditos e artistas*” e encarrega os membros da “*comissão do 5.º centenário*”



do descobrimento da Terra Alta”, um dos quais Silva Campos, da organização do Instituto. Em 7 de Julho de 1916, são eleitos os membros da direcção provisória, sendo João da Rocha o presidente e Silva Campos o vice-presidente. Como João da Rocha, em serviço num Ministério, residia em Lisboa, o vice-presidente Silva Campos foi o organizador e o presidente em exercício. O Diário do Governo publicou, em 17 de Julho de 1916, a Organização do Instituto: entre os sócios fundadores com direito a sócios efectivos, está Silva Campos, correspondente da Academia de Ciências de Portugal.

Em 25 de Julho de 1916, a Câmara emprestou ao Instituto a *Casa de João Velho*, também denominada *Arcos da Matriz* ou *Casa dos Arcos*, de arquitectura

flamenga e monumento nacional, que, quase em ruínas, foi, para poder ser a sede do Instituto, restaurada.

A inauguração solene do Instituto decorreu, em Viana do Castelo, em 16 de Novembro de 1916, sendo o “Regulamento interno” aprovado em sessão de 29 de Novembro do mesmo ano (continuando Silva Campos a ser o presidente em exercício).

A direcção provisória cessou funções em 15 de Agosto de 1917, data em que os membros do Instituto reuniram para eleger a nova direcção. João da Rocha e a Academia de Ciências propõem Silva Campos para presidente e Júlio de Lemos para secretário perpétuo. Consideradas essas propostas, foram eleitos por aclamação, para **presidente, Silva Campos** e para *secretário perpétuo, Júlio de Lemos*; Figueiredo da Guerra foi eleito vice-presidente.

Em Dezembro de 1917, o município de Viana entregou ao Instituto a *casa histórica de João Velho*, já restaurada. Em Julho de 1918, concedeu-lhe subsídios e isenção de franquias devido não apenas à sua importância como Academia Regional e ao intercâmbio cultural que o Instituto manteve entre Portugal e vários países, principalmente com a Espanha, mas também porque era ao Instituto que competia o estudo e a publicação dos *arrolamentos dos monumentos e objectos de arte* que as Câmaras Municipais da região lhe enviavam.

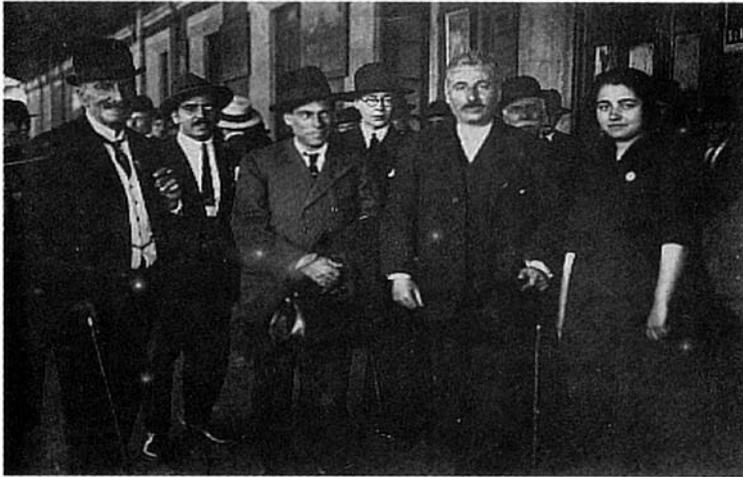
Em Julho de 1919, **o Instituto foi condecorado pelo Governo com a Comenda de S. Tiago.**

O largo onde está situada a *Casa de João Velho* chama-se, actualmente, *Largo do Instituto Histórico do Minho.*

O Instituto só *foi extinto em 2 de Maio de 1939.* Silva Campos foi seu presidente até à sua morte, em 1929.

Foi como Presidente deste Instituto que Silva Campos foi receber, acompanhado por Teixeira de Pascoaes e por Severino Costa, na Estação de Viana do Castelo, o poeta galego António Noriega Varela, representante de Espanha na *Sessão*, realizada na Congregação da Caridade, *em honra da poetisa espanhola Rosalía de Castro*, em Agosto de 1923.

Foram, então, tiradas as fotografias seguintes:



Na Estação de Viana: em primeiro plano, da esquerda para a direita, *Silva Campos*, *Teixeira de Pascoaes*, *Noriega Varela* e sua filha *D. Cândida*; em segundo plano, entre *Silva Campos* e *Teixeira de Pascoaes*, *Severino Costa*

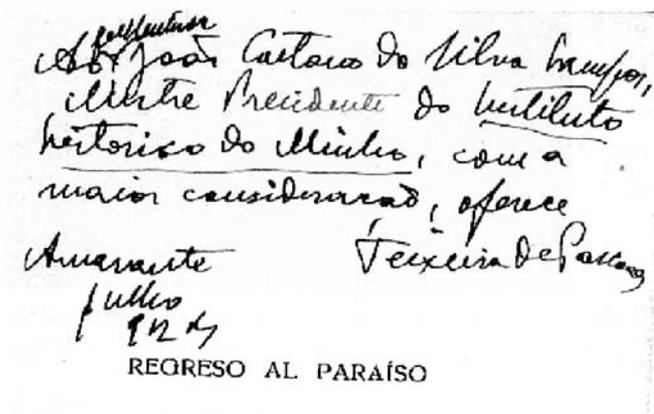


Na *Congregação de Caridade*: *Silva Campos* está sentado entre *Noriega Varela* e *D. Cândida*; de pé, da esquerda para a direita, *Cruz Cerqueira* (de *A Tribuna*, do Porto), *Francisco Bernardes* (poeta argentino), os poetas portugueses *Teixeira de Pascoaes*, *Sebastião de Carvalho* e *António Ferreira*; o primeiro à direita é *Júlio de Lemos*, secretário perpétuo do Instituto

Como Presidente do Instituto Histórico do Minho e decano dos jornalistas portugueses, Silva Campos passou a receber livros com dedicatória de novos escritores, alguns dos quais se tornaram mais tarde notáveis escritores portugueses.

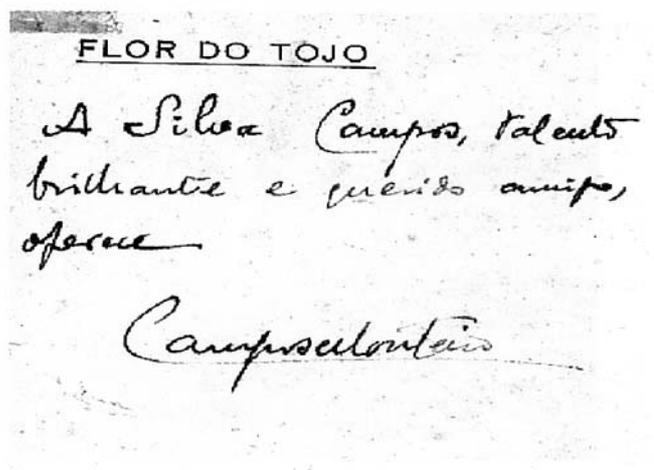
A seguir são dados dois exemplos, entre muitos outros:

Página com dedicatória da edição espanhola *Regreso al Paraíso* de um livro de Teixeira de Pascoas



^{publicado}
Ao Sr. João Carlos do Silva Campos,
ilustre Presidente do Instituto
Histórico do Minho, com a
maior consideração, oferece
Anuarista Teixeira de Pascoas
1924
REGRESO AL PARAÍSO

Página com dedicatória do livro *Flor do Tojo* de Campos Monteiro

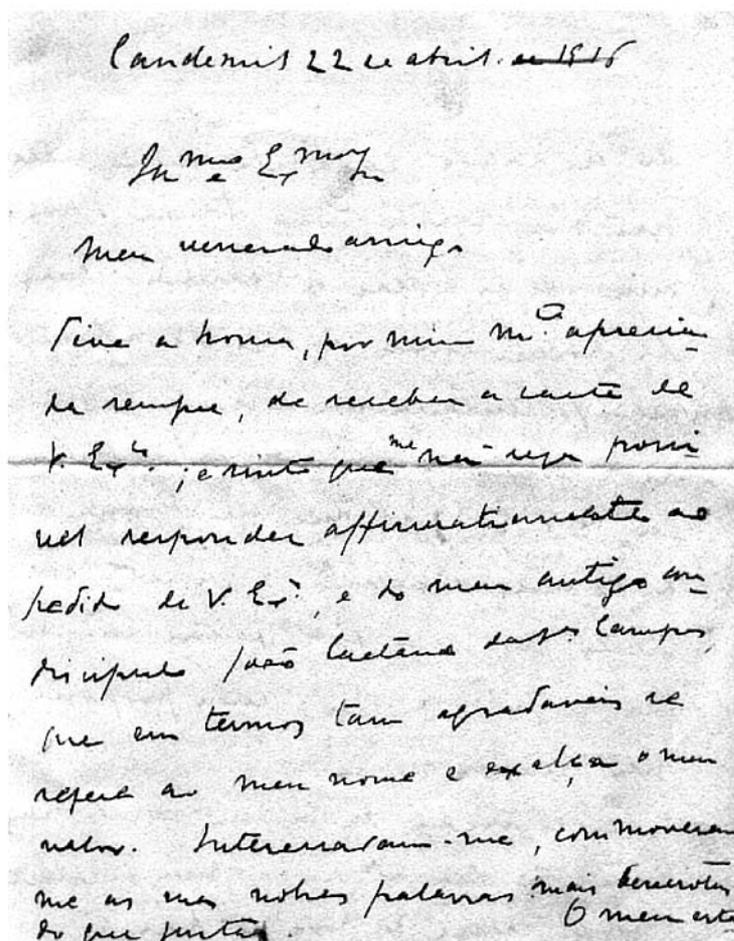


FLOR DO TOJO
A Silva Campos, talento
brilhante e querido amigo,
oferece
Campos Monteiro

Também foram publicadas caricaturas de Silva Campos. Uma dessas caricaturas é a de Tomás Simões Viana com que se iniciou este artigo .

**O orador; a opinião do Dr. António José de Almeida.
António Cândido.**

Silva Campos, educado no Seminário de Braga, era um bom orador mas o grande tribuno António Cândido, que tinha sido seu condiscípulo nesse Seminário, era considerado o maior orador do seu tempo. Em 1916, Silva Campos convidou-o a discursar em Viana. Doente e desiludido, António Cândido escreveu-lhe a carta seguinte:



Candemil 22 de abril. 1916

Dr. Silva Campos

Meu venerado amigo,

Tive a honra, por via de M.^a apressada
de sempre, de receber a carta de
V. Ex.^a; e sinto-me ^{me} não ^{ser} possível
nem responder affirmativamente ao
pedido de V. Ex.^a, e ao meu antigo em-
penhamento João Custódio das Campos,
que em termos tão apressados se
referiu ao meu nome e exalta o meu
valor. Interessaram-me, com motivo
me as suas nobres palavras mais brevemente
do que poderia. O meu est.

do de rante, cada vez mais precisi
nã me permitiram tomar o compo
miso de ir fallar a V. Ex.ª: mas an
de poderia correr o perigo de adaccer
mais se tentava-me a isso e proceber
cia e forma de comite e a intersecc
ca de V. Ex.ª, se me nã tivesse reu
to, e immensavelm.ª, a pumta solici
tades me tem sido feitas para vol
tar a tribuna, que e' meu propozito
nã sempre mais.

Se as forças da minha saúde dize
mum de dia p. dia, o meu desalent
mora cresce de hora a hora!

Pelo a V. Ex.ª me sera interpretada o
meu reconhecimento e das rasas
de m.ª. Reluzo perante o meu velle
contisipulo, me tam affectuosos sen
timentos me significam; e que he
creia sempre, com profunda estima
e com a m.ª. alta consideracao,

De V. Ex.ª

Admirador, am.ª e
ex.ª obsequioso

Antonio Lancheta

Como Silva Campos também era considerado um bom orador, muitos discursos oficiais ficavam a seu cargo. Em 1923, foi incumbido pela Câmara Municipal de saudar, em nome da cidade, o Presidente da República Dr. António José de Almeida quando visitou a cidade por ocasião das Festas em honra da Brigada do Minho.

No jornal *Aurora do Lima* de 11 de Janeiro de 1946, vem publicada a seguinte carta (arquivos do Instituto Histórico do Minho):

**Carta inédita do
Doutor António-José de Almeida**

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Ex.^{mo} Sr. Silva Campos

Recebi no Gerez a carta que V. Ex.^a me enviou, como Presidente do Instituto Histórico do Minho, numa ocasião em que eu estava a combater com uma grave doença, que, tão pertinaz como dolorosa, ainda dura, infelizmente.

Agradeço as palavras de V. Ex.^a e aproveito a ocasião para significar a V. Ex.^a o quanto estimei fazer o seu conhecimento pessoal, por ocasião da grande festa patriótica de Viana do Castelo, e o quanto fiquei grato á saudação que, naquela oportunidade, me dirigiu e que ressoará sempre na minha alma como eco agradável de quem se sentiu tão penhorado com as amáveis palavras que lhe foram dirigidas, como enlevado pela eloquência que as revestiu.

O Instituto Histórico do Minho é uma instituição patriótica e benfazeja que merece todas as atenções e deferências. V. Ex.^a, seu presidente, superiormente representa e sintetiza pelo talento, pela cultura mental e pela eloquência, essa simpática agremiação.

Que ela prospere e se engrandeça e V. Ex.^a disponha de vida e saúde para lhe ser útil, como o tem sido até agora, é o desejo ardente de quem se assina

De V. Ex.^a
Al.^o V.^o e Admirador

ANTÓNIO-JOSÉ D'ALMEIDA.

Lx.^o 16 | 9 | 923.

Em 1929 (?...), no decorrer de uma entrevista que o Dr. António José de Almeida deu ao “Diário de Lisboa”, ele referiu-se a Viana (que o entrevistador lhe disse que conhecia) e disse ao jornalista:

“Se viveu em Viana deve ter conhecido Silva Campos. Nunca me esqueci do nome nem da figura ... Eu fui lá em visita oficial, como Presidente da República e ele deu-me as boas-vindas num pequeno discurso admirável. Estava ali, sem dúvida, um orador de raça! Disseram-me que era também escritor e jornalista brilhante. Era um ‘rapaz’ um pouco feio mas irradiava simpatia. Lembro-me perfeitamente da beleza da oração que pronunciou, da elegância do gesto, cheio de arrogante mocidade ...”

Morte; Alvaro de las Casas. Os jornais e a morte de Silva Campos.

Em 1928, João Caetano da Silva Campos adoeceu gravemente: placas gangrenosas incuráveis e dolorosas aproximavam-no, pouco a pouco, do fim da sua vida.

Pouco antes da sua morte ainda recebeu muitas cartas de várias personalidades. Entre elas, a seguinte carta de um notável espanhol, Dr. Alvaro Maria de las Casas (catedrático, Secretário do Senado e Publicista):



Inolvidable y queridísimo maestro Silva Campos:
Este año, desdichadamente, mis deseos fervientes para que el nuevo año sea para V. felicísimo, se multiplican con las tristes noticias que por Julio de Lemos me llegan de su precario estado de salud. Creame que ellas me tienen desolado. No cedo a nadie el primer puesto entre los que mas le quieran y admiren y de corazon pido a Dios que salve su vida tan preciosa para las Letras portuguesas y de verdad indispensable para cuantos con tanta fe trabajamos en pro de un leal acercamiento intelectual hispano-portugues; V. maestro querido, fue siempre de los que trabajó con mas tesón en las primeras vanguardias de nuestro ejercito intelectual.
Sigo, con inquietud, la marcha de su dolencia, y tengo muy firmes esperanzas de que pronto recibire nuevas de su visible mejoría.

Dedicou-lhe, também, várias outras páginas durante mais de um mês. Em O que disse a imprensa, indica, por exemplo, as notícias dadas no Correio do Minho, de Braga, e no O Primeiro de Janeiro, do Porto:

A morte DE João Caetano da Silva Campos

**Presidente do Instituto Historico
do Minho e decano dos jornalistas da nossa Provincia**

VIANA DO CASTELO, 10—Depois de um prolongado sofrimento que de ha muito o vinha definhando, faleceu hoje pelas 9 e 30 da manhã, na casa da sua residencia, o sr. João Caetano da Silva Campos, escrivão notario nesta comarca, o qual contava 77 anos de idade.

A triste noticia do seu falecimento correu veloz pela cidade, enchendo de grande magua todos os seus habitantes que tinham nele um verdadeiro e dedicado amigo e pelo qual mantinham a maior consideração e respeito, porque o finado, quer na imprensa quer na oratoria estava sempre na brecha, pugnando pela defesa dos interesses e progressos desta região.

Jornalista distinto e muito illustrado, tendo sido por vezes redactor de varios jornais que se publicaram nesta cidade, colaborou em muitos outros do Paiz, onde os seus artigos eram muito apreciados, sendo o decano dos jornalistas do Minho.

Foi, alem disso, um escritor muito notavel, tendo publicado varias obras que lhe mereceram rasgados elogios.

Fez parte, como presidente, de algumas casas de beneficencia e caridade da nossa terra, onde deixou bem vinculado o seu nome pelos valiosos donativos que lhes conseguiu angariar e trabalhou com afinco na fundação de muitas outras.

Actualmente, era presidente do Instituto Historico do Minho, sendo tambem membro de varias academias scientificas do pais vizinho.

Possuia tambem varias condecorações de valor.

Que descanse em paz a alma do querido e illustre vianense e os nossos sentimentos á familia e especialmente a seus desolados filhos a quem abraçamos neste transe tão doloroso.—C.

N. da R.—Lamentando a morte de tão illustre cidadão e minhoto de renome, a sua Ex ma familia e ao Instituto Historico do Minho, envia este jornal o seu cartão de sinceros pezames.

João Caetano da Silva Campos

O que disse a imprensa

De *O Primeiro de Janeiro* :

«Viana, 10 de Janeiro — A's primeiras horas da manhã, correu, veloz, na cidade, a triste noticia do falecimento do sr. João Caetano da Silva Campos, impressionando dolorosamente todos os vianenses, que, desde há algumas semanas, esperavam o fatal desenlace da monstruosa doença que o vitimou.

Com effeito, o venerando presidente do Instituto Histórico do Minho, havia succumbido, após uma rápida agonia, ás 3 e meia, rodeado de sua espôsa e filhos, perdida de todo a noção do lancinante golpe que lhes infligia.

Morre o illustre vianense aureolado da geral consideração, de que são absolutamente dignos todos quantos aliam a um soberbo talento as mais primorosas qualidades de carácter, como ele, na verdade, reunia.

Foi um escritor muito elegante, apaixonado jornalista e orador de extraordinaria fluencia e esmerada dicção.

Era o decano dos jornalistas portuguezes, podendo ser exemplo desta nobre classe, pelo seu saber profissional, vastos recursos e inexcedivel honradez.

Deixa apenas tres volumezinhos literários e uma larga e rica colaboração em diversos periódicos, sobretudo na «A Aurora do Lima», onde escrevia desde 1873 e no «Distrito de Viana», que dirigiu durante alguns anos.

Possuia uma condecoração espanhola e era sócio da Academia de Sciências de Portugal, Institutos Etnologico da Beira e Arqueológico do Algarve, Conselho de Arte e Arqueologia e Comissão de Monumentos Nacionais, e correspondente da Real Academia Galega e do Seminário dos Estudos Galegos.

Pertencia também á Union Ibero-Americano.

Deixa após si um rasto de luz inextinguivel.

Faz imensa falta neste pequenino meio, onde não fica ninguém do seu valor intelectual.

— O I. H. M. e tôdas as colectividades a que o illustre extinto pertencia, teem a bandeira a meia adriça.

— O sr. Silva Campos fôra, por espaço de muitos anos o correspondente do «Janeiro» nesta cidade. — O.

N. da. R.—A' familia enlutada «O Primeiro de Janeiro» envia a expressão sincera do seu muito pezar».

Passados 16 anos também lhe dedicou uma edição comemorativa:

<p>EDITORES: Lúcio Pereira Barreto</p> <p>ASSINATURAS: ANUA 30000 SEM 48000 TRIMESTRE 60000</p> <p>AVULSO 1500</p> <p>ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PICOTA, 22</p>	<p>ANO 91 Bi-semanário independente, fundado em 1855 N.º 6</p> <h1 style="margin: 0;">A AURORA DO LIMA</h1> <p style="margin: 0;">DECARO DOS JORNAIS DO MINHO</p> <p style="margin: 0; font-size: small;">REDAÇÃO E OFFICINAS DIRECTOR E PROPRIETÁRIO FOLHA VISADO PELA</p> <p style="margin: 0; font-size: x-small;">RUA DA PICOTA, 22 — VIANA Bernardo Fernandes Pereira da Silva DELIBERAÇÃO DE CENSURA</p>	<p>Viana do Castelo SEXTA-FEIRA</p> <p style="font-size: 2em; font-weight: bold;">11</p> <p>DE JANGIRU — DE 1946 —</p> <p>(O primeiro número saiu 15 de Dezembro de 1881)</p>
--	--	---

Silva Campos

o 16.º aniversário da sua morte

Sentidamente, «A AURORA DO LIMA» dedica-se hoje a Silva Campos, comemorando assim a passagem do 16.º ano do seu falecimento, ocorrido em 10 de Janeiro de 1930.

Com ser modestíssima, esta homenagem significa que o ilustre vianense é ainda por nós lembrado com respeito, com gratidão e com saudade.

Colaborador deste jornal desde verdes anos, depois seu redactor effectivo e, por fim, seu director durante longo periodo, daqui se afastou um dia, para fundar, com o seu e nosso caro amigo Júlio de Lemos, o «DISTRITO DE VIANA», até que, volvidos tempos, a ele tornava, enriquecendo-o assiduamente (e pode bem dizer-se que até à sua hora final) com o esplendor da sua prosa, que não tinha entre nós quem a igualasse e muito menos quem a excedesse.

A sua morte foi uma grande e irreparável perda para esta boa terra, que injustamente parece tê-lo esquecido, pois que nela nada o memora — nem sequer a banal placa topomáica, talqualmente sucede a Manuel Cândido Loureiro, outro dotado filho de Viana, que pelos seus melhoramentos materiais e morais tanto pagou e bem assim a B. Pinto Abranches, que poderosamente concorreu para o prestígio da nossa soberba estância.

Reconhecemos que a nossa humilde e cansada pena é impotente para, transpando os limites da vulgaridade, deixar nestas columnas as elogiosas palavras que reflectissem fielmente o sentir de um profundo admirador e grato amigo de Silva Campos. Limitamo-nos, por isso, a circunscribmos recostemente perante a sua luminosa memória, deixando livre o espaço a outros plúmbeos que melhor digam do magnifico escritor. — B. S.

* A matéria desta comemoração é toda inédita e da autoria de ilustres sábios do Instituto Histórico do Minho, três dos quais já falecidos.

Estes originaes, com excepção dos artigos dos srs. Dr. Mendes Carneiro e Júlio de Lemos, destinavam-se a um In Memoriam de Silva Campos — com outros, em posse do segundo daquelles nossos prezadissimos colaboradores — obra que, por motivos que não interessam ao público, não pôde ainda imprimir-se.

Agradecemos, reconhecidos, ao Ex.º Secretário do Instituto a cedência de tão valiosos originaes, bem como a sua colaboração e fazemos o mesmo agradecimento ao sr. Dr. Mendes Carneiro, antigo e ilustre Vice-Presidente daquela douta colectividade.

Entre os artigos publicados nesta edição comemorativa está, mais uma vez, a homenagem de Alvaro de las Casas:

Aquel llorado muerto

Por múltiples conceptos será perennemente recordado, aquel insigne presidente del Instituto que se llamó D. Juan C. da Silva Campos. Por causas múltiples, yo lloraré en el alma de por vida el recuerdo de aquel nuestro llorado muerto, de quien recibí el espaldarazo en esta sacrosanta cruzada galaico-lusitana.

Pero confieso que lo que mas pure y fuertemente hirió mi sensibilidad, ante el gran orador y político desaparecido, fué la arraigada fé liberal que inspiró los mas transcendentales actos de su vida.

Por eso, al unir mi nombre a este solemne coro dispuesto a entonar en su gloria líricos himnos de loor, quiero destacar esta faceta del grande hombre. En los tiempos que corramos, la magistralia capaz de perdurar, ha de llevar sobre la frente la aureola de Democracia y en los labios el aliento de Libertad, que en Silva Campos fueron médula y verbo.

Orense-marzo de 1929.

ALVARO DE LAS CASAS.

O início do Café Bar

No seu leito de morte, Silva Campos preocupava-se com a sobrevivência da sua família, pois que não era rico e, do seu segundo matrimónio, tinha ainda alguns filhos muito novos (o mais novo só tinha 9 anos). Tendo atingido o limite de idade da sua profissão de notário – 75 anos – em 1927, recebia desde esse ano a sua pensão de aposentação, mas, nessa época, ainda não existiam pensões de sobrevivência ...

Sugeriu, então, à sua esposa, Laura de Sá Loureiro Silva Campos, e aos filhos mais velhos desse matrimónio, que vendessem as duas quintas que possuíam em Ponte do Lima e, com o dinheiro assim obtido, fundassem um café no lugar onde tinha existido o seu cartório:

As senhoras, disse-lhes ele, não deviam servir ao balcão mas os rapazes sim, com o auxílio de um empregado bem experiente e honesto.



Quando João Caetano da Silva Campos morreu, no dia 10 de Janeiro de 1929, a sua viúva e os seus filhos procuraram sobreviver seguindo os seus conselhos.

O cartório de Silva Campos ficava situado no piso inferior dum edifício pertencente à família Malheiro e Meneses, correspondendo aos números 57, 58 e 59 da Praça da República, com duas grandes janelas e uma porta ao centro.

Ainda durante esse ano, conseguiram transformar esse antigo cartório num café, contraindo para isso empréstimos bancários que pagaram quando as quintas foram vendidas.

António da Silva Campos, o mais velho dos filhos do segundo matrimónio de Silva Campos residentes em Viana, procurou e encontrou o “*empregado bem experiente e honesto*”: o senhor Domingos, até aí empregado num importante café espanhol, na cidade de Tui. Foi este homem que organizou o café e lhes ensinou tudo o que sabia sobre a sua profissão.

Em 21 de Junho de 1929 foi inaugurado o **Café Bar!**

Tinha três salas e uma cave. A sala principal, com as duas grandes janelas e uma porta, permitia o acesso pela Praça da República e, no Verão, era possível ter uma pequena esplanada junto às janelas. Lá dentro, em várias mesas e num balcão, serviam-se pequenas refeições (bifes, omeletes, ...), bebidas, café ... Um café muito bom! O senhor Domingos recomendava sempre:

“É o café que dá o nome à casa ... tem de ser muito bom!” E assim era ...

Na segunda sala, à noite, podia-se ouvir um casal de músicos: ela pianista e ele violinista. O *café – concerto* estava na moda!

A terceira sala permitia a entrada pela Rua Cândido Reis: a família Malheiro e Meneses tinha permitido prolongar o antigo cartório até essa entrada e alugado também a cave.

Na cave, muito fresca, guardavam-se as bebidas e os géneros perecíveis ... não existiam frigoríficos ...

Na cozinha, trabalhavam duas empregadas, dirigidas e, muitas vezes, ajudadas pela viúva e pelas filhas de Silva Campos.

Ao balcão, os filhos mais velhos de Silva Campos trabalhavam. O senhor Domingos e outro empregado, o senhor Viana, serviam às mesas.

António da Silva Campos era o gerente.

Lugar privilegiado de convívio de artistas, escritores, jornalistas, políticos, médicos, advogados, oficiais do exército, ..., o **Café Bar** foi um êxito!

Mas, em 15 de Outubro de 1931, a tragédia aconteceu!...

O alarme de incêndio soou nas instalações da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Viana (um falso alarme, soube-se mais tarde...). Ocorreu, então, um terrível acidente na curva sul da ponte metálica quando uma viatura da Corporação se dirigia para esse suposto incêndio ... Nesse acidente morreu o *Bombeiro Voluntário António da Silva Campos*, assim como mais dois outros *valorosos Bombeiros Voluntários* (os seus retratos ainda existem no Quartel dos Bombeiros Voluntários de Viana, em lugar de honra).



O Café Bar



O Café Bar em Maio de 1933

As famílias enlutadas e toda a cidade choraram as terríveis mortes.
A família de Silva Campos estava outra vez sem o chefe de família ...
O **Café Bar** perdia o seu gerente ...

Dolorosamente, corajosamente, Laura Silva Campos e os filhos ainda vivos continuaram com o seu trabalho no Café Bar ...

E ele continuou a ser um sucesso!

Mas, pouco a pouco, a família tomou novos rumos: a filha mais velha casou e foi morar para o Porto, os filhos mais novos também para lá foram estudar, outros filhos preferiram empregos diferentes, ...

Foi então que Laura da Silva Campos, no final de 1934, passou o **Café Bar** a Amadeu Carneiro ...

E a história deste lugar de convívio continuou ...

Bibliografia

- Jornal A Aurora do Lima
- Revista *Pero Gallego*
- Documentos, cartas e fotografias que pertenciam a Silva Campos
- ALPUIM, Maria Augusta d' - *A montanha dourada*.